

Jornalismo e atividade literária: a escrita cotidiana da história no jornal

Regina Maria dos Santos*

Resumo:

O trabalho de pesquisa a ser apresentado caracteriza-se por se estabelecer uma relação entre jornalismo, literatura e história na produção de diversos jornalistas e escritores ao longo do século XIX e XX. Foram selecionados autores que expressavam, em situações e épocas distintas, opiniões diferenciadas em relação à produção literária e ao papel do jornal e do jornalista. Procuramos, inicialmente, investigar, de forma comparativa as obras de Balzac *Ilusões Perdidas* e de Lima Barreto *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Posteriormente elegemos cronistas como Carlos Drummond de Andrade, Carlos Heitor Cony e atualmente Rachel de Queiroz como foco de pesquisa.

Palavras-chave: Jornalismo, literatura, história

Abstract:

This work tries to establish a relationship among journalism, literature and history based on the writings by journalists and writers from the nineteenth and twentieth centuries who had different opinions on literature and on the role of the journalist. To begin with, we searched to examine comparatively Balzac's *Lost illusions* and Lima Barreto's *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (Recollections of the clerk Isaías Caminha). Then the research focus changes to chroniclers such as Carlos Drummond de Andrade, Carlos Heitor Cony, and currently Rachel de Queiroz.

Key words: journalism, literature, history.

Este artigo propõe apresentar resultados parciais de uma pesquisa que propõe estabelecer uma relação entre jornalismo, literatura e história na produção de diversos jornalistas e escritores ao longo do século XIX e XX. Foram selecionados autores que expressavam, em situações e épocas distintas, opiniões e pontos de vista diferenciados em relação à produção literária e ao papel do jornal e do jornalista.

Procuramos investigar então as obras de Balzac, Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Heitor Cony e atualmente Rachel de Queiroz. Com relação ao primeiro autor selecionamos o romance *Ilusões Perdidas*, que trata do mundo literário e jornalístico em meados do século XIX na França. Escolhemos ainda a obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* de Lima Barreto que se passa no início do século XX no Brasil. Esses dois romances revelam concepções sobre a prática jornalística e a atividade literária, tratando-as criticamente.

* Professora Adjunta do Curso de História - UFG – Campus Catalão. Profª. colaboradora do Mestrado em Teoria Literária UFU-MG.

Otto Maria Carpeaux situa que os instrumentos responsáveis pela existência do jornalismo moderno se desenvolveram na Inglaterra, nas oficinas do Times que foi fundado em 1785 . Observa ainda que Girardin barateou as assinaturas do jornal utilizando-se do anúncio para manter-se. Ao mesmo tempo criou um público estável e permanente devido à publicação no folhetim de romances em série.

Dumas Pere, George Sand, Balzac aparecerão entre os autores de romances-folhetins. Inicia-se uma aliança entre jornalismo e literatura. A paixão dos jornalistas literários, de um Borne e tantos outros, pela liberdade de imprensa, o instrumento mais poderoso da burguesia, está em relação com o fato de a literatura começar a viver do público de jornais. (CARPEAUX, 1982:1396)

Inicia-se a partir de então a discussão em torno da literatura que é posta a serviço do jornal com o intuito de garantir sua venda. Introduzida na sociedade moderna de consumo através do jornal, a literatura absorve sua especificidade. Balzac criticará a nova situação das letras em seu romance *Ilusões Perdidas*, escrevendo de acordo com Carpeaux, com conhecimento de causa, já que era também jornalista, editor e impressor. Segundo Rónai:

durante os anos duros da estréia literária, da editora e da tipografia – que reviveria magnificamente em *Ilusões Perdidas* – as experiências amargas da sensibilidade, as contínuas decepções e a luta recomeçada tantas vezes, o duro contato cotidiano com a impiedosa vida moderna, amadureceram o romancista... (RONAI, 1999:304)

Com relação a Lima Barreto, Nelson Werneck Sodré informa-nos que *Isaias Caminha* é o romance da imprensa brasileira do início do século, povoado de literatos mais ou menos frustrados. O romance é uma sátira ao Correio da manhã que era o órgão de maior sucesso e o mais representativo da época. (SODRÉ, 1983:304)

A postura crítica de Lima Barreto volta-se contra ele, que passa a ser ignorado, não só pelo Correio da Manhã, mas por toda a imprensa carioca do período. Conforme Sodré:

Isaias Caminha mostra alguns aspectos parciais dessa mediocridade, no palco da imprensa e na fase em que ela, sem ter encontrado ainda a sua linguagem específica, aceitava as fracas muletas de uma literatura decadentista, em tudo e por tudo na correspondência à fase em que as oligarquias dominavam amplamente o país (SODRE, 1983: 306).

Balzac e Lima Barreto com suas críticas ferrenhas ao jornalismo apresentam-nos o impasse: o jornal pode conter - enquanto suporte efêmero - produções artísticas-criativas que tendem a durar além do seu tempo radical? Lúcia Santaella tece interessantes considerações dizendo não pretender sair pela tangente simplificadora e dicotomizante que enfatiza que jornalismo e literatura nada têm em comum ou que a literatura está sendo engolida pela linguagem jornalística.

Santaella chama também atenção para o fato de que, no século XX, não somente dois tipos de linguagem (literatura e jornal) se confrontaram, mas que existe uma “coexistência não passiva de uma série de linguagens que se interpenetram, gerando processos de migração de recursos de produção de linguagens intermediárias, híbridas (entre a literatura e o cinema, entre o cinema e o jornalismo)” (SANTAELLA, 1992: 31).

O debate sobre a relação entre jornalismo e literatura é recorrente desde o final do século XX. Sodré comenta que, no Brasil, os homens de letras buscavam no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade e um pouco de dinheiro. (SODRÉ, 1983: 292).

No debate teórico da crítica literária, encontramos também posições divergentes. Massaud Moisés não concorda que o jornalismo se converta em atividade literária. Ocasionalmente, o jornal pode converter-se em um veículo literário, mas o que prevalece não é o aspecto criativo e estético, e sim o informativo, já que é pragmático, utilitário, vazado de linguagem referencial (MOISÉS, 1978: 89).

Alceu Amoroso Lima considera o jornalismo como um gênero literário, como arte verbal em prosa de apreciação dos acontecimentos. E por acontecimentos entende não apenas os fatos históricos, mas tudo o que faz parte da trama do cotidiano e da vida, tanto individual como social. (LIMA, 1969: 23).

Para além da crítica que separa a prática literária da prática jornalística, Silvia Borelli localiza nesse embate a falsa dicotomia entre os produtos culturais de extração culta e erudita e os produtos originados da produção industrializada da cultura, rotulados, muitas vezes, de cultura padronizada, vulgarizada e popularesca. Segundo a autora, “retoma-se pela crônica, a segmentação entre cultura de massa, cultura erudita e cultura popular” (BORELLI, 1996: 81).

Borelli questiona sobre quem define essas fronteiras, que equivocadamente exilam os cronistas para fora do campo literário e apontam o mercado como última saída. Diante disso, refuta sublinhando que os cronistas são narradores, que, com sua escritura, resgatam tradições e matrizes culturais originárias. “Na crônica, tradições e rupturas, articuladas, tornam-se visíveis e falam, pela voz do cronista, historiador, intérprete, contador de histórias na modernidade” (BORELLI, 1996: 84).

As características ambíguas da crônica, todavia, longe de revelarem sua fragilidade, expressam sua potencialidade. Retomando o aspecto cultural, como enfatiza Borelli; na crônica estão presentes elementos híbridos que expõem a capacidade de diálogo do escritor com seu tempo e seu público. Segundo Luiz Roncari a crônica esta na fronteira entre a alta e a baixa cultura (RONCARI, 1985:14). Porém, acreditamos que, para além da

fronteira, exista uma dimensão cultural ‘circular’, como aponta Bakhtin, presente no jornal e principalmente na crônica.

Apesar de ser escrita, a crônica não contém elementos meramente pertencentes à cultura letrada, mas relaciona-se e é permeada pelo que há de mais popular, que é a tradição oral, e ainda, é veiculada por um meio de massa. Nesse sentido, não podemos esquecer de destacar suas múltiplas apropriações pela TV, pelo rádio, pela Internet (blônicas), que inventaram, cada qual, sua forma de divulgá-la.

No livro de Paulo Barreto, conhecido como João do Rio, que foi elaborado no início do século XX com o título *O Momento Literário* o autor inquiriu grandes escritores da época. Para a maioria deles, o jornal tem um aspecto bastante paradoxal, uma vez que, se, por um lado, presta um serviço ao desenvolvimento das letras, por outro, é um obstáculo ao aprimoramento do estilo.

O livro de Cristiane Costa *Pena de aluguel* (2005) apresenta uma extensa análise da obra de João do Rio trazendo a mesma questão para os jornalistas-escritores no início do século XXI. A conclusão da autora é que o jogo de antagonismos entre imprensa e literatura ainda divide a literatura nacional. Nesse sentido aponta as principais dicotomias presentes neste embate: arte x mercado; artista x trabalhador; linguagem condicional x liberdade criativa; experiência x esterilidade; visibilidade x preconceito; perenidade x imediatismo; fato x ficção; objetivo x subjetivo; tempo x dinheiro; local x universal.

No entanto, podemos compreender que a colaboração na imprensa ampliou o número de interlocutores para o texto literário e traçou uma trilha concreta para a profissionalização dos escritores. Segundo Flora Sussekind, as fontes de renda dos escritores estavam basicamente no emprego público, no magistério, na diplomacia, na elaboração de livros didáticos e paradidáticos. Produzir reclames e legendas para fitas de cinema foi também uma forma de sobrevivência, no entanto, foi justamente para o jornalismo que se dirigiram a maioria dos homens de letras do Brasil (SUSSEKIND, 1987:74).

A partir dessas questões procuramos dar continuidade ao debate interdisciplinar entre literatura, jornalismo e história apontando questões relativas à produção desses cronistas e a representação que tecem da sociedade brasileira no século XX. Para tanto foram selecionadas obras de Drummond, Carlos Heitor Cony e Rachel de Queiroz.

Nas obras *Confissões de Minas, Passeios na Ilha e Fala, Amendoeira; A bolsa e a vida, Cadeira de Balanço. Caminhos de João Brandão, O Poder Ultra Jovem* é possível perceber que Drummond transformou ao longo dos anos sua forma de escrever crônica. Seja

por meio de uma elaboração culta da linguagem, seja por sua dimensão coloquial, o cronista coloca o velho debate sobre a dimensão literária do jornal em voga.

O livro *Confissões de Minas* publicado em 1944 possui artigos, ensaios e crônicas poéticas, assim como *Passeio na Ilha*, publicado em 1952. *Fala Amendoeira* é de 1957 e é composto por crônicas poéticas. As primeiras obras apresentam uma característica mais memorialística e provinciana ao tratar de seus conterrâneos de Itabira. Em *Fala Amendoeira* Drummond filosofa e usa um tom sarcástico em suas críticas sociais. A partir dessa obra esses aspectos perdem espaço para imagens cotidianas, como a família e o trabalho. As obras posteriores *A bolsa e a vida* e *De notícias e não notícias se faz a crônica* seguem esta linha.

Drummond viveu 84 anos, trabalhou e deles dedicou mais de sessenta ao jornalismo. Defendeu sempre a liberdade da escrita. Talvez essas obras escritas entre os anos 1920 aos anos de 1950 expressem uma fase densa de transformações em sua obra e em sua vida.

Outro autor pesquisado foi Carlos Heitor Cony e suas obras *O Ato e o Fato*, *Posto Seis*, *Os anos mais antigos do passado* e *Harém das Bananeiras*. As duas primeiras obra são as observações de Cony acerca do golpe militar de 1964, e mais, a tradução escrita da memória no cotidiano.

A representação de Cony sobre o golpe não pode ser descrita como ideologia de direita ou de esquerda. Por mais que fizesse críticas constantes, ainda assim não era o discurso da esquerda, como ele próprio citou no prefácio do *O Ato e o Fato*, que se recusará a ser um gigilô das esquerdas. (CONY, 1979, p.11).

Cony pode ser considerado como um escritor contemporâneo herdeiro de Machado de Assis, Manuel Antônio de Almeida, Lima Barreto, Proust, Sartre entre outros. Por meio da metalinguagem no livro *Os anos mais antigos do passado* e no livro *O harém das bananeiras*, comentou diversas vezes como faz suas crônicas, e a obrigatoriedade de ter que fazer uma crônica todos os dias sob a pressão característica do jornal.

Em entrevista ao Caderno de Literatura Cony afirmou fazer suas crônicas em cinco minutos no seu ofício que segundo ele, já se tornou hábito para não dizer um vício. Em muitas crônicas presentes nesses livros, são perceptíveis as diversas vezes que Cony não tinha nenhum assunto para escrever, e mesmo assim escrevia sobre a própria falta de assunto. Nessa angústia até mesmo sonhos se tornaram crônica.

O livro *O harém das bananeiras*, publicado em 1999, é um livro constituído por cem crônicas, publicadas principalmente no jornal *Folha de São Paulo* entre os anos de 1997 e 1999. O livro *Os anos mais antigos do passado* foi publicado em 1998, possui cento e dois

textos publicados anteriormente na *Folha de São Paulo* e na revista *Manchete*, os artigos e crônicas deste livro foram publicados nos diversos anos desde que Cony começou a exercer a função de cronista no jornal e colunista na revista, esses textos são classificados por ele como os fantasmas antigos que teimam em assombrá-lo. Obviamente que essas crônicas foram reunidas sob as exigências do contexto do ano de publicação dos livros.

Nesses dois livros, que podem ser facilmente chamados de livros de memória e até de biografia do autor, Cony mescla história, memória e ficção no intuito de recompor com engenhosidade sua história pessoal, que indubitavelmente está ligada à história do país. Nesse sentido Cony trata de questões como fé, globalização, infância, problemas de ordem familiar, mudanças de valores, tecnologia, política, ditadura militar, entre outros assuntos que desenvolvemos na pesquisa. Enfim, Cony faz um balanço dos últimos anos de um milênio prestes a acabar e entrar na memória.

Outra autora pesquisada neste projeto é Rachel de Queiroz que ao produzir suas crônicas, tratava de assuntos variados, mostrando-nos os acontecimentos do cotidiano, seus pensamentos, seus sentimentos, sua opinião, seus ideais, suas críticas. O livro *Cem Crônicas Escolhidas e O Caçador de Tatu* reúne crônicas que Rachel escreveu dentre o período de 1957 a 1967. Rachel de Queiroz se interessa por temas variados como a Guerra Fria que ocorria entre os Estados Unidos e a Rússia e afetava o mundo, e nesse sentido, abordava o geral e o particular. As crônicas, quando escritas, não precisam ter um mesmo sentido do começo ao fim, ela nos permite falar de assuntos variados em um único texto.

Além da guerra fria, outros assuntos são tema para a autora, como personagens como Lincoln e até mesmo Luiz Carlos Prestes. Rachel de Queiroz também fala sobre assuntos ocorridos em sua vida privada ou familiar. A cronista aborda também questões sociais, como o preconceito, a seca, a fome e a miséria. Suas crônicas constam ainda de histórias fictícias, cartas mandadas a amigos e conhecidos.

Segundo Afrânio Coutinho a cronista apresenta características típicas do modernismo, sua principal temática, “dentro do pano de fundo dos problemas geográficos e sociais nordestinos, é a posição da mulher na sociedade moderna, com seus preceitos morais e sociais” (COUTINHO, 1986: 279).

Uma característica marcante das crônicas da literata é o fato de muitas terem sido escritas em primeira pessoa, o que revela em muitos momentos que ela relata mais que o cotidiano da sociedade ou a política nacional, relata fatos íntimos, próximos a ela. Muitas vezes ela participa ativamente das crônicas contando fatos cotidianos dela, de amigos, no trabalho e com a família.

Dessa maneira é possível identificar algumas características relevantes da mesma, se trata de uma pessoa simples e ao mesmo tempo refinada, temperamental e com personalidade forte, como, por exemplo, quando rompe com o PCB ao terem negado o desfecho de sua obra *João Miguel*. Insatisfeita com as imposições do partido Rachel se levantou, chegou até a mesa onde estavam os originais do romance, pediu o texto para que ela pudesse corrigi-lo e antes de dar no pé em disparada, declarando não reconhecer, nos companheiros, condições literárias para opinar sobre seu romance.

Em muitas crônicas Queiroz desabafa sobre a dificuldade ao exercer o árduo ofício da arte de escrever, se queixa da falta de criatividade em alguns dias, da pressão que sofre do leitor, de si e ou de um superior, afinal mas cedo ou mais tarde, o trabalho tem que ser feito. Às vezes ela recorria à tranqüilidade da fazenda nordestina para produzir, de quebra se protegia contra pressões e na terra natal a inspiração jorrava como as águas do Velho Chico que ela tanto amava.

Rachel de Queiroz é extremamente irônica em relação às elites e enfatiza o fato destas estarem perdendo prestígio diante as massas. Posteriormente, resume a formação miscigenada da sociedade brasileira e critica a tradição cultural da aristocracia brasileira.

Nesta mesma perspectiva, pretendemos ainda neste projeto, tratar, ao longo dos próximos anos da produção dos cronistas, cujas atividades no jornal foram marcantes em sua trajetória, dentre esses: Mario de Andrade, Ruben Braga e Fernando Sabino.

Referências Bibliográficas

- BALZAC, Honoré de. *As Ilusões Perdidas*. Trad. Ernesto Pelanda e Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*.. 6ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1976.
- BORELLI, Silvia Helena Simões. *Ação, suspense e emoção: literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: Educ/Estação Liberdade, 1996.
- BRAGA, Ruben. *O conde e o passarinho e Morro do Isolamento*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1982.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Vol.6, Rio de Janeiro, Alhambra, 1982, p.1396
- CONY, Carlos Heitor. *O Ato e o Fato*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- _____. *Os anos mais antigos do passado*. Rio de Janeiro: Record, 1998
- _____. *O Harém das Bananeiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- COSTA, Cristina. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil. 1904-2004*. São

Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Vol.6 3ed. Rio de Janeiro: José Olympio. Niterói. UFF – Universidade Federal Fluminense, 1986.

LIMA, Alceu Amoroso. *O Jornalismo como gênero literário*. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1978.

QUEIROZ, Rachel de. *Cem crônicas Escolhidas e O caçador de Tatu*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

RONAI, Paulo. *A vida de Balzac*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999, p. 304

RONCARI, Luiz. A estampa da rotativa na crônica literária. In: *Boletim Bibliográfico* Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Secretaria Municipal de Cultura. São Paulo, Vol. 46, n.14, jan/dez. 1985.

_____. *A crônica*: duas ou três. Folhetim, São Paulo, 9/01/1983, p.8-9.

SABINO, Fernando. *A mulher do vizinho*. Ed. Do Autor, 1962

_____. *A companheira de viagem*. Ed. Do Autor, 1965

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das Mídias*. São Paulo: Razão Social, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. *O Cinematógrafo das Letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.